

TERCEIRA GUERRA DO GOLFO: A DISPARADA DOS PREÇOS DA UREIA E O RISCO SILENCIOSO PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

A Terceira Guerra do Golfo eleva a ureia acima de US\$ 650 e expõe a fragilidade do agronegócio brasileiro; dependente de importações do Oriente Médio, o Brasil enfrenta custos recordes e margens comprimidas na safra, reforçando a urgência de produção interna de fertilizantes.

Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A escalada dos conflitos no Oriente Médio, decorrente da Terceira Guerra do Golfo, voltou a expor a fragilidade estrutural do agronegócio brasileiro diante da dependência externa de fertilizantes.

Em março de 2026, os preços internacionais da ureia ultrapassaram 600 dólares por tonelada no Oriente Médio, chegando a operar entre 647 e 655 dólares FOB (Free On Board).

Free On Board é um termo usado no comércio internacional para definir as responsabilidades de transporte e custos entre vendedor e comprador.

No contexto da ureia, quando se diz que o preço está em “US\$ 650 por tonelada FOB Oriente Médio”, significa que esse é o valor no porto de embarque, com o vendedor responsável por entregar a carga até o navio. A partir daí, o comprador assume os custos de frete, seguro e desembarque.

Esse detalhe é importante porque o preço FOB não inclui os custos logísticos até o Brasil, que também estão subindo devido à guerra no Golfo.

A alta acumulada acima de 30 por cento em poucas semanas não é apenas um movimento especulativo, mas o reflexo direto da instabilidade no Estreito de Ormuz, rota crítica para petróleo, gás e derivados essenciais à indústria global de fertilizantes. A região concentra parte relevante da produção e exportação de ureia, especialmente de países como Irã, Omã e Catar, que enfrentam custos maiores de frete, seguro e risco operacional.

O Brasil, que importa praticamente toda a ureia que consome, sente o impacto de forma imediata. A valorização internacional ocorre justamente no momento em que produtores começam a planejar a safrinha de milho e a recompor estoques para a próxima temporada. Com poucas negociações fechadas até agora, o setor fica exposto à volatilidade e perde capacidade de travar custos. Em estados como Mato Grosso, onde o milho é altamente dependente de nitrogênio, uma alta desse porte pode elevar o custo operacional por hectare e pressionar margens já apertadas.

A situação se agrava porque o Brasil depende fortemente de fornecedores localizados justamente na região afetada. Irã, Omã, Catar e até a Nigéria enfrentam dificuldades logísticas, custos maiores de frete e seguro e incertezas sobre continuidade de embarques. Mesmo países como Rússia, que poderiam compensar parte da oferta, operam sob restrições geopolíticas e limitações de capacidade. O resultado é um mercado global mais estreito, com preços elevados e pouca previsibilidade.

O impacto não se limita ao milho. A cadeia de proteínas animais, que depende de ração baseada em milho e farelo, sente o efeito em cascata. Custos mais altos de alimentação pressionam frigoríficos, confinamentos e produtores independentes, com potencial de repasse ao consumidor final. Em um país onde a competitividade do agronegócio se apoia em custos relativamente baixos de produção, qualquer choque prolongado nos fertilizantes altera a equação econômica.

As projeções para os próximos meses não são animadoras. Analistas estimam que a ureia deve permanecer entre 588 e 667 dólares por tonelada no curto e médio prazo, refletindo um ambiente de incerteza persistente. A volatilidade tende a continuar enquanto o conflito no Golfo não se estabilizar e enquanto o fluxo marítimo no Estreito de Ormuz permanecer sob risco. Para o Brasil, isso significa operar em um cenário de custos elevados, planejamento mais difícil e margens comprimidas.

A crise atual reforça uma lição recorrente: a dependência quase total de importações de fertilizantes é um dos maiores pontos fracos do agronegócio brasileiro. Sem uma estratégia consistente de produção interna, diversificação de fornecedores e políticas de mitigação de risco, o país continuará vulnerável a choques externos que nada têm a ver com sua própria produção, mas que determinam seus custos e sua competitividade global.

REFERÊNCIAS

Preço da ureia dispara com tensão no Oriente Médio e pressiona agronegócio brasileiro. CNN Brasil, 2026.

Conflito no Golfo eleva custos de fertilizantes e aumenta incerteza para produtores. Canal Rural, 2026.

Ureia ultrapassa US\$ 650/t com crise no Oriente Médio e afeta custos do agronegócio. Investing.com Brasil, 2026.

Urea Prices. Trading Economics, 2026.

Publicado Substack [GRU! Geopolítica em Ação](#).

****Marco Antonio de Freitas Coutinho** é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Mestre em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). É coautor do livro “Guerra Russo-Ucraniana: O Conflito que Redesenhou a Geopolítica Mundial”. Pode ser contatado pelo e-mail: marccoutinho@hotmail.com. Acompanhe seu trabalho também pelo Substack: <https://substack.com/@marccoutinho>.*
